

CARLA SANTOS FRANCO

AS INFLUÊNCIAS DA TELEVISÃO ABERTA NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

RIO DE JANEIRO
2005

Carla Santos Franco

AS INFLUÊNCIAS DA TELEVISÃO ABERTA NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

Monografia de conclusão do curso de Pedagogia apresentada em cumprimento a exigência parcial para a obtenção do título de Pedagogia junto a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, sob a orientação da Prof^a. Valéria Cristina Lopes Wilke.

Rio de janeiro
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
CURSO DE PEDAGOGIA
TURMA: 2001351044
Carla Santos Franco

AS INFLUÊNCIAS DA TELEVISÃO ABERTA NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

Rio de Janeiro
2005

Carla Santos Franco

AS INFLUÊNCIAS DA TELEVISÃO ABERTA NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

Avaliado por:

Prof^a. Ligia Martha

Data ____ / ____ / ____

Rio de janeiro
2005

DEDICATÓRIA

A DEUS PELA FORÇA,
AOS MEUS PAIS PELO CARINHO,
AO MEU IRMÃO PELA ALEGRIA.

AGRADECIMENTOS

A DEUS POR ME ILUMINAR; À MINHA ORIENTADORA VALÉRIA CRISTINA LOPES WILKE PELA PACIÊNCIA, DEDICAÇÃO E PELO PROFISSIONALISMO PRESTADO NA ORIENTAÇÃO; E AS AMIGAS CRISTIANE FERREIRA E CÍNTIA MAGON POR TEREM ME AJUDADO NA FINALIZAÇÃO DESTE TRABALHO MONOGRÁFICO.

RESUMO

Diante da difusão dos meios de comunicação de massa, a televisão enquanto processo social sempre foi um desafio para pais e educadores, quando o assunto é criança e televisão. De fato as crianças permanecem por mais tempo diante da televisão cerca de 4 horas diárias, sendo expostas constantemente à programação fora de sua faixa etária. A televisão por se caracterizar um instrumento de comunicação popular e, portanto cultural, desta forma, está presente em todos os lares desde a mais tenra idade, busco através deste trabalho monográfico analisar programas televisivos da televisão aberta, a partir das imagens e o conteúdo veiculado, bem como para qual público determinado programa está direcionado. Sendo assim, temos como objetivos gerais investigar o papel educativo da televisão aberta brasileira no processo formativo da criança fora do âmbito escolar; caracterizar a televisão aberta brasileira; discutir a importância da imagem televisiva e seus possíveis efeitos no telespectador; e propor a inserção da televisão no âmbito escolar.

Palavras chaves: Criança. Televisão, imagem e educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – IMAGEM E TELEVISÃO	13
CAPÍTULO II – A TELEVISÃO ABERTA NO BRASIL E A CRIANÇA	20
2.1 Um breve histórico.....	20
2.2 Responsabilidade social e meios de comunicação.....	20
2.3 Discussão da televisão aberta.....	25
2.4 A televisão e a criança: criança diante da televisão.....	30
CAPÍTULO III – TELEVISÃO E EDUCAÇÃO: UMA CONVIVÊNCIA CONTURBADA	38
3.1 Educação.....	38
3.2 Leituras de programas infantis.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos temos assistido as discussões sobre a influência dos meios de comunicação, especialmente da televisão, na educação da criança. As preocupações externadas por vários setores da sociedade são legitimadas, principalmente, tendo em vista a alegada falta de qualidade de conteúdo e a inadequação de alguns programas televisivos destinados ao público infantil. E como pivô desta discussão se encontra a televisão aberta, veículo de comunicação de massa mais difundido no Brasil.

Segundo Hoineiff (2000), o problema desta influência não estaria tanto na natureza do veículo, mas na “adequação formal e narrativa do conteúdo ao meio”. O autor afirma que a tv é interativa e dispõe de controles que, quando acionados, trazem conseqüências surpreendentes. Ela possui cores fortes e luminosidade própria, associa imagem e som, é uma ponte de acesso virtual para tudo o que existe e até para o que não existe. Sendo assim, o fato da televisão estar em todos os lares, no trabalho entre outros locais, ela torna-se onipresente.

Até o final da década de 1970, a televisão foi, durante grande parte da sua existência, um meio de comunicação autoritário, à medida que pressupunha e exigia um público passivo, imobilizado na sala de estar diante da telinha. Cecília Von Feilitzem afirma que:

[...] a educação para a mídia não pode, de acordo com os direitos da criança, basicamente objetivar apenas proteger as crianças de certos conteúdos de mídia, injetando nelas certos princípios e opiniões que lhes ensinem a dissociar-se do mau conteúdo da mídia e selecionar o de boa qualidade. Tampouco deveria a educação para a mídia objetivar ensinar as crianças desconstruir às mensagens e ver através do poder, isto é, compreender nos interesses de quem e com quais objetivos as mensagens são transmitidas. A educação para a mídia também deve envolver uma tentativa para mudar a produção e participação da criança, entre outras coisas. O direito à mídia e à informação, o direito à liberdade de expressar suas opiniões sobre aquilo em que as questões o afetam devem, na sociedade de hoje,

também significar participação na mídia. (FEILITZEN Apud JUNIOR 2002, p.65).

No Brasil, a televisão aberta sempre foi marcante e serviu de companhia para a maioria dos indivíduos que, via de regra, têm sido educados por este instrumento de comunicação, ou seja, os programas da televisão brasileira sempre foram determinantes suportes de educação ou “deseducação” do cidadão.

Os telespectadores são atraídos pelas imagens e sons emitidos pela tv diariamente. Desde então, a imagem televisiva começa a exercer o poder, sobre os receptores. Ao mesmo tempo em que a ilusão proporcionada pelas imagens televisivas leva o telespectador à satisfação e ao entretenimento, faz com que alguns discursos ou imagens sejam aceitos como verdade ou inverdade pelos telespectadores.

Está cada vez mais evidente a influência da mídia, especialmente da televisão aberta na educação da criança e, segundo Sandra Leite (1999), a tv entra em todos os lares “confundindo” o público, o privado, a realidade e a ficção, o próximo e o distante, o passado, o presente e o futuro. E por isso ela informa e forma.

A programação televisiva traz em seu bojo uma gama de mensagens que podem prejudicar especialmente as crianças. A despreocupação praticada na sociedade, em relação a este tema, reflete-se também no âmbito familiar, local em se inicia o convívio social mais amplo de muitas crianças. Desta forma, as instituições escolares precisam discutir esta questão com o intuito de preparar os educadores para educar o cidadão, especialmente a partir das tecnologias de comunicação e informação, pois a educação ao longo do século XX, deixou de ser tarefa exclusiva da família, da igreja, e da escola e passou a ser de outras instituições existentes, como nos caso da televisão aberta.

Este trabalho monográfico busca investigar, o papel educativo da tv aberta brasileira no processo educativo da criança, pois além de informar entreter, pode atuar na formação da criança. Ele visa possibilitar a pais e docentes uma reflexão sobre os possíveis efeitos que a tv possa exercer na criança, servindo como fonte para subsidiar análises das influências proporcionadas pela tv, e, por conseguinte, auxiliar o adulto em sua orientação da criança em relação à escolha crítica do que lhe chega mediante a mídia televisiva e o uso de programas instrutivos, a fim de não serem passivos ao que lhe é imposto.

O método adotado abrange a revisão de literatura sobre o tema e a discussão de capítulos e de três programas infantis veiculados por emissoras brasileiras.

No primeiro capítulo será discutida a imagem e a relação estabelecida entre imagem e televisão, para melhor compreensão acerca da magia que “cerca” o universo televisivo, que tanto atrai o telespectador, em especial, a criança.

No segundo capítulo há a apresentação breve do percurso histórico da tv aberta brasileira; o comentário da legislação relativa à programação voltada para o público infantil, considerando-se que a criança é quem está mais exposta a este instrumento de comunicação; e, sobretudo, a discussão da responsabilidade social cabível a mídia televisiva. Uma vez que a tv tem a capacidade de atrair o telespectador, pelo seu aspecto do lúdico busca-se discutir se a tv pode contribuir (ou não) e apontar para a necessidade de as instituições escolares incorporarem a importância da tv na formação da criança.

E no terceiro capítulo abordarei a relação conturbada entre a tv e a educação para mostrar que a tv é hoje espaço formativo da criança, para identificar as possibilidades de integrar a tv e o processo educativo formal para desmistificar a idéia de que a tv nada contribui para a educação, pois, uma vez que a tv está

inserida basicamente em todos os lares, é relevante que a escola se aproprie, em seu cotidiano, da tv e ajude a criança em sua realidade à não apenas assistir tv e sim 'ver' o que é veiculado pelos programas televisivos. Também neste capítulo será feita uma leitura de três programas infantis **Sítio do Pica-Pau Amarelo**, **Castelo Ra-Tim-Bum** e **TV Xuxa**, dos quais foram gravados capítulos durante uma semana. Esta leitura tem como objetivo identificar o tipo de linguagem utilizada em um determinado programa, com intuito de relacionar o lúdico do educativo.

CAPÍTULO I - IMAGEM E TELEVISÃO

Com o aparecimento da televisão aberta no Brasil, na década de 50, começaram a ser emitidas imagens à distância para os lares brasileiros atingindo, inicialmente, uma minoria da população, que, desde então, começou a ser influenciado por este novo instrumento de comunicação. A presença da televisão na vida da população foi ganhando espaço cada vez mais extenso no decorrer dos anos até atingir hoje a sua quase totalidade. A partir daquele momento começou a ser ampliado o acesso dos brasileiros ao universo de imagens, pois segundo Heloísa Dupas:

Antes do aparecimento da TV, o acesso se restringia às imagens elaboradas pelo próprio grupo e ao alcance de todos, enquanto ícones impressos ou filmados alcançavam apenas aquelas pessoas que também tinham acesso aos símbolos adquiridos na escola. Isso porque tanto o filme como os impressos em nossa sociedade, em alguma medida requerem, para a sua compreensão, o domínio da leitura. (PENTEADO, 2000, p. 66).

Antes de nos remeter para a amplitude das imagens é importante entendermos a terminologia de televisão e sua relação com imagem, pois assim Sartori a define:

A televisão – como diz o próprio nome consiste em ‘ver de longe’ (*tele*), e, portanto, levar à presença de um público de telespectadores coisas para ver, quer dizer, visualmente transmitidas de qualquer parte, de qualquer lugar e distância. [...] É na televisão que o fato de ver predomina sobre o ato de falar, no sentido que a voz ao vivo, ou de um locutor, é secundária, pois está em função da imagem e comenta a imagem (SARTORI, 2001 p. 15).

Diante da diversidade de imagens a que somos expostos, dentre os quais destaco as do filme, as da fotografia, entre outras, nenhuma esteve tão inserida no cotidiano do receptor, atingindo diferentes classes sociais, como a imagem em

movimento através do suporte televisivo. Porém, para empregar quaisquer imagens é necessário que estas sejam produzidas por um sujeito e se sua produção passa por alguém que a produz (ou a reconhece), a imagem não é de significado natural e sim cultural.

Ao refletirmos sobre a interação da imagem com o suporte televisivo não podemos restringi-la apenas ao contexto da televisão, pois para compreendê-la é necessário o deslocamento para a diversidade de imagens presentes na história da nossa civilização. Desde a pré-história há registros da existência de imagens, que naquela época eram inscritas no interior das cavernas. Este tipo de registro pertence à categoria de imagem fixa, que também abrange a fotografia, a pintura, a revista, por exemplo:

Em suma:

Considerar que com a televisão se passou da 'era da arte à da visualização' pretende excluir a experiência real da contemplação das imagens fixas da mídia, como os cartazes, publicidades impressas, mas também as fotografias de impensas, contemplação da pintura, das obras e de todas as criações visuais possíveis; como retrospectivas de todos os tipos, permitidas precisamente pela tecnologia e pelas infra-estruturas contemporâneas. Essa contemplação descansa da animação permanente da tela de TV e permite uma abordagem mais refletiva ou mais sensível de qualquer obra visual. (JOLY, 2000, p.16)

As imagens estão, pois, desde a pré-história na civilização. Seus variados tipos são hoje motivos de investigação por inúmeros pesquisadores, e vão da pintura rupestre até a imagem computadorizada. Porém, a imagem como imagem de mídia nos remete para a contemporaneidade, que entende o termo imagem, muitas vezes como sinônimo de televisão e publicidade. Esta relação confusa para Joly (2000, p.15) ocorre pelo fato de que "[...] a televisão é um meio capaz de transmitir a publicidade, entre outras coisas, e a publicidade é uma mensagem capaz de ser

veiculada tanto na imprensa escrita quanto no rádio. [...]” De fato, a imagem da mídia não se restringe apenas à televisão, imagem animada, mas também às imagens fixas como relatado anteriormente.

As imagens em movimento, advindas do suporte cinematográfico e do televisivo, possibilitaram uma maior integração da imagem ao texto, pois antes de seu aparecimento, no máximo, havia a junção proporcionada pela gravura e texto nos jornais. A televisão reforçou a presença de imagens em movimento no dia-a-dia do receptor, o que fez com a percepção visual ganhasse amplitude.

A imagem televisiva por ser sedutora pode provocar uma passividade no pólo receptor ao não convidar para a reflexão sobre seu conteúdo. Este ato nos remete à concepção de que há a tendência de ocorrer uma certa imposição em suas mensagens, por haver a desconsideração da opinião do telespectador. A imagem televisiva também traz para a realidade do telespectador uma perspectiva de que seu cotidiano corresponde àquela imagem, aquele contexto. Segundo Sartori (2001), a imagem televisiva obtém maior intensidade ao despertar, no receptor, desejos involuntários que vão além de suas vontades, transportando-o para uma outra realidade. A imagem atua sobre o receptor, tomando-o cada vez mais, envolvendo-o em mundo de fantasia, sendo que muitos telespectadores não admitem, racionalmente, essa ilusão, porém se deixam ‘viajar’ nesse universo de fantasia.

A imagem é uma questão cultural. Por esta razão, além de entreter e de informar, também pode transmitir elementos capazes de contribuir para o universo cultural, pois tem atravessado épocas e transmitido idéias ou interferido em comportamentos de grupos, mantendo, desta forma, uma relação assídua com o pólo receptor. É importante, neste sentido, entendermos também a televisão como um importante meio de transmissão de valores culturais pelas imagens, uma vez que

vem promovendo um processo de identificação cultural nunca experimentado antes na nossa história.

A imagem televisiva opera por analogia a relação com a realidade, pois tem a capacidade de se assemelhar e familiarizar com o real. Costa (2001, p.152) analisa o mundo das mídias analógicas como “[...] um mundo mágico de interpretação através do qual aprendemos a ver, e conhecer a realidade, levando em conta os nossos sentidos como o processo mental que eles desencadeiam. [...]”. Assim, sua importância está na eficácia com o que se refere, pois não basta se aproximar da realidade do receptor, mas que esta proximidade ocorra por meio de analogias, ou seja, de elementos comuns, que possam fazer com que haja interação entre os telespectadores e as imagens vistas. Apesar de toda sedução envolvida no contexto da imagem analógica, pela sua relação próxima com o nosso conhecimento e com a realidade, refletir acerca de seu conteúdo pode fazer com que ela não seja aceita como “verdade única”, o que contribui para não nos deixarmos enganar por ela.

Segundo Cristina Costa (2001), uma forma de sociabilidade e de interpretação do mundo é adquirida através da imagem televisiva, que utiliza como recurso o naturalismo só possível pela analogia, o que faz com que hábitos e espaços sejam reproduzidos. Ressalto que a mídia analógica, em especial, a televisão, foi (e ainda é) um dos elementos necessários para que fossem derrubadas determinadas barreiras na sociedade, barreiras essas impregnadas durante décadas, como a divisão da sociedade em letrados e não letrados; isso porque uma parcela da população não tinha acesso a variadas informações. A sociedade pôde, com o avanço das imagens televisivas, ter acesso a um mundo anteriormente restringido pelas diferenças socioculturais estabelecidas. Através da televisão foi possível ver e discutir discursos variados sobre o mundo e a realidade, o que fez

com que fosse adquirido, por inúmeros telespectadores, um novo mundo por meio da tela, fazendo com que eles se integrassem com os acontecimentos fora de seu contexto. Mas, ainda havia outro problema que tem sido, em muito, desmistificado pela imagem televisiva, o preconceito em relação à cultura popular – a maneira de se vestir e de falar, os costumes – à medida que variadas manifestações da cultura ganharam espaços nos lares brasileiros.

Podemos perceber que uma grande parcela da população brasileira já se encontra diante desse veículo de comunicação como o único meio de informação e lazer, que possui, ainda, a confiabilidade devido a diferentes fatores, dentre os quais podemos destacar a idéia de que “uma imagem não mente” e ainda o desconhecimento do trabalho da edição.

As imagens produzidas para a comunicação podem ser divididas em duas categorias assim como afirma Costa (2001). As imagens podem ser consideradas tradicionais quando abrangem a pintura, desenhos entre outros, sendo imagens tão antigas quanto à cultura humana. E essas imagens podem adquirir diferentes olhares e significados no decorrer dos anos. Outra categoria é a de imagem técnica realizada através de equipamentos onde se encontram as fotografias, o cinema, as imagens digitais e a televisão. O surgimento e a expansão destes suportes têm contribuído para que haja um consenso sobre o século XX, como o século das imagens.

É importante salientar a relevância do aspecto da contemplação, para uma reflexão das imagens no cotidiano. Na concepção de Pentecost é exatamente pela rapidez com que a TV se apresenta, que a sua contemplação se faz necessária para que o olhar atento sobre suas imagens possa possibilitar uma maior percepção crítica do indivíduo. A imagem televisiva é um tipo de representação que permite

distintas reações no receptor de prazer, entretenimento, capazes de ampliarem sua percepção sobre este novo instrumento de comunicação.

Daí começa o perigo desse tipo de imagem, pois é exigido do receptor que adquira inúmeras representações acerca do pólo produtor. Sendo assim, é adquirido pelo receptor um olhar mais atento sobre essas imagens a fim de buscar respostas às suas indagações. (PENTEADO, 2000, p. 72)

É preciso, pois, que o telespectador seja contemplativo, a fim de não se oferecer a fácil credibilidade tão comum nesta relação, pois quanto menor a credibilidade concedida à determinada imagem menor será seus efeitos.

Já para Peixoto, o ato de assistir TV, na contemporaneidade pode desempenhar o papel de companhia ao telespectador pelo fato de estar a sua disposição em qualquer momento do dia-a-dia. Ele ressalta que a imagem televisiva, por ser rápida, precisa e fragmentada, assim desfavorece o exercício de um papel importante por parte do telespectador: como sujeito ativo. Há ainda o fato de que ao sermos educados para a dispersão, diante da velocidade das informações nas quais estamos imersos, esquecemos de refletir sobre este veículo tão presente em nosso cotidiano. Somos atingidos por suas imagens avassaladoramente e, no entanto, temos a opção de querer assisti-la ou não, sobretudo criticá-la, caso seja necessário.

Peixoto (1990) diz que somos educados numa sociedade onde a informação é veloz, em tudo que realizamos são cobrados tempos rápidos e desse modo é constituído um novo olhar calcado na descontinuidade. Somos direcionados para obtermos um maior número de informação, porém fragmentadas dificultando a percepção crítica. Sendo assim, o autor afirma que a televisão contrapõe-se à contemplação, onde somos instigados à observação atenta as suas imagens.

Segundo Sartori (2001) a imagem vem ganhando mais importância sobre o falar sendo tudo que é representado através de imagens exerce mais impacto sobre o telespectador. Sua concepção de imagem televisiva indica que esta não pode ser considerada mero acréscimo, à medida que, através da televisão, tem ocorrido uma fundamental transformação humana. Por isso, ele defende que a imagem televisiva interfere na formação do indivíduo, em especial da criança no aspecto social e educativo.

Em suma, uma vez que somos constantemente expostos por variadas imagens com múltiplos sentidos e veiculados por diferentes suportes, que exercem influência sobre nós fazendo com que em geral, não despertemos para uma imediata percepção crítica acerca de seu conteúdo, a imagem televisiva é considerada de maior significado, pois está mais próxima do cotidiano do telespectador, pelo fato de ser um instrumento de comunicação acessível à maioria da população e de conteúdo gratuito. Sua presença no dia-dia do indivíduo é indiscutível e pode ter efeitos manipuladores, pois tem inclusive a capacidade de, subliminarmente, transmitir verdades ou inverdades, uma vez que é seja desconhecida pelo telespectador a linha de edição que cerca o universo televisivo.

Portanto, uma vez que a imagem televisiva é veiculada numa tecnologia de fácil acesso presente em todos os lares, ela acaba mantendo com o receptor uma relação de proximidade e intimidade que contribui para o grau de confiabilidade da TV junto ao público. É importante, pois, que cada cidadão tenha consciência para refletir sobre as imagens que recebe, com a finalidade de não se transformar em mero receptor passivo, pois a televisão engloba variadas características, dentre as quais destaco a fascinação que pode gerar no telespectador efeitos de ilusão.

CAPÍTULO 2 – A TELEVISÃO ABERTA NO BRASIL E A CRIANÇA

2.1 – Um breve histórico

O Brasil foi o quarto país no mundo a implantar as transmissões televisivas em 18 de setembro de 1950, com a criação da TV Tupi, canal 3, com sede na cidade do Rio de Janeiro, com uma programação básica das 18 às 23 horas. Saliento que somente em 1952 foi criado um programa voltado para o público infantil.

A primeira transmissão de programa infantil ocorreu em 1952, pela adaptação de Tatiana Belinki de “O sítio do Pica-Pau Amarelo”, obra de Monteiro Lobato. Desta forma, a partir daí emergiu a atenção dos profissionais de televisão com programações voltadas para o público infantil. Inspirada na obra de Lobato, até a década de 1980, as crianças mantiveram-se praticamente lendo e morando nas obras de Lobato, porém quando esta obra foi levada novamente para a televisão ela passou a fazer parte do universo televisivo e um novo tipo de público nascia voltado para esta obra adaptado, o televisivo.

Diante das variedades das programações que foram criadas, as primeiras pesquisas do Ibope sobre audiência da televisão ocorreram em 1954, que desde então despertou nos profissionais de televisão a conquista do telespectador conectado em suas programações. A partir daí, as emissoras de televisão começaram a dar maior atenção aos índices de audiências, tendência que pode levar ao detrimento da qualidade do que é apresentado.

2.2 – Responsabilidade social e Meios de Comunicação

No Brasil, as emissoras de televisão são concessões públicas, ou seja, são empresas particulares que exploram uma atividade de interesse público e geral. Quem legaliza essa exploração comercial é o Estado. Esta concessão pública é

assegurada pela **Constituição Federal** de 1988, capítulo V que trata da Comunicação Social. De acordo com as determinações constitucionais previstas pelo art. 221.

“**Art. 221** A produção da programação das emissoras de rádio e televisão atenderá aos seguintes princípios:

- I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais, e informativas;
- II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo a produção independente que objetive sua divulgação;
- III - regionalização da produção cultura, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;
- III - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.”

Estes incisos indicam a responsabilidade social que pesa sobre o pólo produtor que deverá atender a alguns princípios constitucionais e respeitar as regulamentações. Aqueles considerados responsáveis pelas emissoras não são donos, pois é o Estado quem concede legalmente tais atividades televisionadas. Por ser concessão pública implica responsabilidade social, sendo que a sociedade, em última instancia, pode interferir em alguma programação indesejável. Porém, este ato não deve ser confundido com censura, pois é a forma mais flexível de ‘filtrar’ o conteúdo televisivo, de acordo com as necessidades e interesses dos setores da sociedade civil. É assegurado constitucionalmente a cada cidadão o direito de se defender contra programas indesejados.

Devo salientar que a concessão cedida pelo Estado tem sua durabilidade de quinze anos podendo ser renovada, dependendo da votação no Congresso Nacional.

O sistema televisivo brasileiro deve ainda respeitar e cumprir o **Estatuto da criança e do adolescente**. Ele, no “**Art. 76**, prevê que as emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infanto-juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”.

Parágrafo único. Nenhum espetáculo será apresentado ou anunciado sem aviso de sua classificação, antes de sua transmissão, apresentação ou exibição.

Ele proíbe a transmissão por intermédio de rádio e de televisão, de espetáculos em horários diversos do autorizados ou sem curso de sua classificação, pois:

“**Art. 2º** Os programas para emissão de televisão inclusive” trailers,” têm a seguinte classificação, sendo-lhes terminantemente vedada a exibição em horários diverso do permitido:

I - veiculação em qualquer horário;

II - programação não recomendada para menores de doze anos: inadequado para antes das vinte horas;

III - programação não recomendada para menores de quatorze anos: inadequado para antes das vinte e uma horas.

IV - programação não recomendada para menores de dezesseis anos: inadequado para antes das vinte e duas horas

V - programação não recomendada para menores de dezoito anos: inadequado para antes das vinte e três horas”

Na hipótese de alguma emissora descumprir as regulamentações, cabe ao Ministério da Justiça, com fundamentação no **Estatuto da criança e do**

adolescente e na **Constituição Federal** de 1988, estabelecer as penalidades previstas constitucionalmente.

Desde 1990, cabe ao Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação – DJCTQ, integrante da Secretaria Nacional de Justiça, a competência de informar sobre a natureza das diversões e espetáculos públicos, as faixas etárias a que não se recomendem bem como locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada para crianças e adolescentes.

Apresentarei, a título de exemplo, a relação entre alguns temas, a criança e a legislação em vigor:

a) Criança e sexo na tv

Na regulamentação da lei nº 8.069, Parágrafo único, do **Estatuto da criança e do adolescente**, aconselha-se ao programador se abster de “incluir de gestos, imagens, ou expressões obscena, de sentido equivoco”, o que pode dar lugar, de forma ambígua, à censura interna. Essa regulamentação estabelece que as programações devem estar de “acordo com os interesses e as necessidades das crianças e dos jovens” e que até os programas de entretenimento deveriam ser orientados por aspectos formativos. A regulamentação legal, no entanto, é imprecisa a respeito das definições claras de quais conteúdos seriam apropriados para as audiências infantis e juvenis. Em relação ao sexo, por exemplo, esta normatização afirma que: “Parágrafo único – os programas de indução de sexo, tais como ‘tele-sexo’ e outros afins, somente poderão ser veiculados entre 0 hora e 5 horas”. Da mesma forma, são proibidas programações que contenham obscenidades, expressões lascivas ou de perversão sexual, assim como todo conteúdo que mostre o triunfo sobre do mal sobre o bem. A partir das 22 horas, os programas passam a ser considerados não adequados para menores de 16 anos. Nesse caso, podem

apresentar cenas de personagens nus, sem que, no entanto, mostrem os órgãos genitais ou traga de conteúdos de programáticos ou cena de sexo explícito.

Na história recente do Brasil, as determinações governamentais para acabar com a censura imposta pelo governo militar pós-64 evidenciaram os desacordos existentes entre setor público, a igreja católica, os partidos políticos, alguns setores das forças armadas e sociedade civil. Desta forma a ambigüidade da classificação indicativa quando a pertinência da programação televisiva persiste sobre o que pode ou não ser transmitido, na medida em que existem dificuldades para determinar quando uma cena de sexo pode ser considerada “necessária” ou não. Também fica confuso aquilo que o poder público regulamenta como sexualidade, sem estabelecer uma distinção com as cenas de sexo propriamente ditas.

Apesar de haver legislação que proíba certos conteúdos como os ligados à cenas de sexo, nos horários voltados para o público infantil, é comum a veiculação destes conteúdos / imagens na programação vespertina e noturna (das 17: 00 às 22:00 h), que contraria a legislação. Ainda assim, a situação fica mais complexa porque as crianças têm acesso á programas nestes horários. Sendo assim, as emissoras e a família abdicam de suas responsabilidades legais.

Boa parte dos detentores da concessão para exploração da televisão, não respeita as recomendações das obrigações previstas na **Constituição Federal** bem como no **Estatuto da criança e do adolescente**, apesar de toda a programação ter a obrigação do cumprimento da legislação em vigor e de o Art. 3 da constituição prever que “será responsabilizado o apresentador, equipe ou o titular da empresa pelo uso indevido da programação”.

b) Criança e violência na tv

A legislação brasileira é menos específica a respeito da violência do que em relação às cenas de sexo ou aquelas consideradas pornográficas. Os programas da faixa etária das 22h00min h às 24h00min h são considerados “programação não recomendado para menores de 16 anos” por conterem cenas de violência, dentro dos programas como temas dirigidos aos adultos, sendo que devem ser excluídos aqueles que impliquem agressões a um grupo ou setor social.

O **Estatuto de criança e do adolescente** estabelece, por exemplo, que nenhuma transmissão de rádio e televisão poderá conter cenas que violem as disposições de proteção à infância. Da mesma forma, ficam excluídos os conteúdos pornográficos da televisão massiva, fora dos critérios gerais para a classificação. (Art. 74). Também aqui as emissoras e as famílias têm deixado de lado suas responsabilidades legais, pois a violência perpassa boa parte da programação diária televisiva, inclusive a voltada para o público infantil. As emissoras de tv não podem ser consideradas as únicas responsáveis por este quadro, porque o descumprimento das regulamentações não tem sido acompanhado e/ou punido pelo Ministério Público, por um lado. Por outro, as famílias recorrentemente deixam suas crianças assistirem televisão fora dos horários compatíveis com elas e, no mais das vezes, desacompanhadas. Finalmente, a sociedade civil pouco tem se manifestado em relação a esta situação, pressionando as emissoras e o ministério Público, quanto suas responsabilidades.

2.3 – Discussão da tv aberta

Atualmente a televisão aberta brasileira é constituída de 12 emissoras, sendo que há também a TV Educativa, de cunho governamental. Destacam-se a TV Globo e o SBT como emissoras de grande audiência dentre as demais, que atualmente estão crescendo.

Quanto aos programas da Rede Globo de Televisão percebe-se que há, no período diurno, programações que podem “deseducar” a criança. Há na grade de programação infantil, a partir das 09:30min da manhã, a transmissão do **Sítio do Pica-Pau Amarelo** e da **TV Xuxa**; e no período da tarde destacam-se filmes e a novela **Malhação**, programas não exatamente voltados para o público infantil, mas para os quais a classificação é livre. Por exemplo, na **Malhação** apesar de serem abordadas temáticas educativas voltadas para o público jovem, muitas vezes aparecem conteúdos com estereótipos que podem refletir de modo negativo no comportamento do jovem, e, muito mais, no universo infantil. Nos demais horários os telejornais, novelas, filmes, entre outros, são direcionados ao público adulto, mas atualmente estes programas assistidos pelas crianças constantemente, ampliando o acesso a variadas informações, que muitas vezes não são analisadas criticamente pelas famílias.

Quanto ao SBT, esta emissora tem em sua grade horária, no período da manhã, somente um programa infantil, sendo o período da tarde repleto de novelas, que fogem ao âmbito infantil, o que demonstra que é dada alguma importância ao público infantil somente no período da manhã. Este fato faz parecer que os responsáveis pela programação deste canal consideram que a criança apenas assiste tv pela manhã, quando empiricamente, sabemos que é notório que as crianças têm permanecido maior tempo diante da tv, que, em geral, tem se tornado o principal meio de diversão delas.

Já a programação da emissora educativa, TVE, tem qualidade, mas seu insucesso é devido basicamente à falta de publicidade tão presente nas demais emissoras, o que a enfraquece em termos da concorrência. Esta situação contribui

para a idéia de que programas de qualidade não atraem o público. Como explica Fisher (2003)

O que parece está é o imediatismo do espetáculo e no máximo a satisfação individual, mas que uma política do comum, ampla, constituinte e democratizaste. A idéia de uma cidadania pela mídia – com prestação de serviços, informações de interesses coletivos formação de 'redes' de auxílio material, psicológico, emocional, etc. – por enquanto é fase de incipiente populismo de mercado, mas que guarda uma onipotência de transformação (FISHER, 2003, p.45).

O artigo 1º da **LDB (Lei de Diretrizes e Base)** em vigor no País estabelece que a educação deve abranger todos os processos formativos realizados no mundo do trabalho, nas instituições de ensino e de pesquisa, nos movimentos sociais, nos meios de comunicação e nas atividades culturais. Segundo esta compreensão, também a televisão é considerada um espaço onde o processo de ensino-aprendizagem pode concretizar. No entanto, os investimentos feitos pela TV aberta na área da educação e de cultura a cada dia diminuem entre as emissoras que, na maioria, estão 'escravas' do ibope. Atualmente, basta uma hora diante da televisão para constatarmos que parte considerável das emissoras atropela a ética e a moral em nome da audiência. Daí a importância do cidadão obter uma percepção crítica sobre o veículo televisivo, a ponto de passar a ter a necessidade de qualidade no que assiste.

Uma característica da TV, que contribui para seu crescimento, é ser um instrumento de comunicação popular, ou seja, ela é altamente consumida pela população brasileira. Sendo este fato uma das conseqüências da falta de seletividade da mídia do telespectador brasileira que a recebe o que é transmitido, com passividade. Segundo Rondeli:

Enquanto tais índices de audiência [os da tv aberta] aumentaram no Brasil, os índices médios de audiência de TV aberta no mundo têm caindo em média 2 pontos por ano. Com as novas tecnologias, como

a TV por assinatura e a internet, o ritmo se acelerou e agora despenca a 5 pontos por ano. Com esse pano de fundo, há de se considerar que a popularização de TV aberta será realidade especialmente em países de Terceiro Mundo. [...] (RONDELI, 2001, p. 44):

A TV aberta até a década de 90 do século XX foi a única opção para o telespectador brasileiro. A partir da implantação da TV por assinatura, nos fins do século XX, proporcionada pela globalização e integração dos meios de comunicação, a tv aberta vem perdendo no Brasil, desde então, espaços nos lares brasileiros, o que tem significado a ampliação do leque de opções dos telespectadores. No entanto, a tv por assinatura ainda foge das possibilidades dos padrões econômicos da família brasileira média, por um lado e por outro, nem todo território nacional é atendido pelos cabos da tv a cabo e /ou pelos sistemas satélites (Diretv, Sky, TVA, e outros).

É possível constatar a relação entre a gratuidade da tv aberta, a falta de percepção, por parte do telespectador, de que as emissoras atuam enquanto um sistema de concessão pública e a falta de qualidade da programação geralmente veiculada. Infelizmente os cidadãos, em sua maioria, desconhecem seu direito de reivindicar programações televisivas de qualidade, o que contribui fundamentalmente para a permanência deste quadro.

Criticar a tv em si e no seu todo é fechar os olhos para as tecnologias, ou seja, para as possibilidades que a modernidade trouxe para a civilização. Por isso não se deve aceitá-la como verdade única e nem negá-la como se não fizesse parte de nossa realidade. Contudo, deve-se ter um olhar crítico para a falsa idéia de que a tv não seria um meio de educação e de cultura, por ela ter se voltado mais para o entretenimento, porque ela, no Brasil, constitucionalmente tem esta responsabilidade

social. Além disto, vigora outra falsa idéia de que a qualidade da mesma decaiu no decorrer dos anos, devido ao gosto da população por programas de baixa qualidade, em geral, campeões de audiência. Muitas das vezes estas falsas idéias têm sido o argumento a favor do baixo investimento da televisão brasileira para a criação e/ou veiculação de programas de qualidade voltados para o público infantil, em especial, e para o público em geral. Dentro desta perspectiva as programações que mais se destacam em termos de qualidade ao público infantil têm sido apesar do seu alto baixo índice qualidade, o inverso das demais emissoras no sentido educativo e cultural.

A partir de todo esse quadro tem havido uma preocupação por parte dos educadores em torno da linguagem televisiva, pois ela, de fato, faz parte da nossa sociedade, logo, do campo educacional. Apesar disto, alguns teóricos não considerarem que a televisão possa de alguma maneira contribuir para a educação, seja ela formal ou não, como Bourdieu (1999), para quem a televisão educativa ou não, nada tem a contribuir para a educação. Muitos educadores negam a contribuição da TV, pois afirmam que a TV aliena, não dá possibilidades de reflexão sobre o que veicula. Mas se não é possível discutir em sala de aula como refletir sobre ela? Como preparar as novas gerações para as tecnologias e como negar a permanência da criança diante da tv? Portanto como negar a tv se está presente na vida de cada criança antes mesmo da fala e escrita? Estes fatos mostram que crescem a responsabilidade e que faz parte desta necessidade de discutir seriamente a importância da tv na vida das crianças, as contribuições que elas dão à educação, então cresce a responsabilidade dos educadores e dos pais enquanto formadores de cidadãos discutir essas linguagens.

A TV aberta está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, principalmente das crianças sendo no sentido de entreter, informar, educar (ou “deseducar”) e sua discussão, no âmbito familiar e na escola, é imprescindível.

As emissoras adquirem vantagens quando têm como telespectador alguém que as absorve e não reivindica qualidade. Portanto, é necessário discutir os possíveis efeitos que a televisão pode ter na educação do cidadão, especialmente das crianças, uma vez que, as crianças, independentes da classe socioeconômica, podem ser atraídas facilmente. Porém, crianças das classes menos favorecidas são as que mais são expostas à televisão por ser considerado um telespectador assíduo da televisão aberta brasileira.

2.4 - A Televisão e a criança: Criança diante da televisão

Quando pensamos em criança, logo aparece a preocupação com as questões ligadas ao seu desenvolvimento que, segundo Oliveira e Daves (1999):

[...] é o processo através do qual o indivíduo constrói ativamente, nas relações que estabelece com o ambiente físico e social, suas características. Ao contrário de outras espécies, as características humanas não são biologicamente herdadas, mas historicamente formadas. De geração em geração, o desenvolvimento alcançado por uma sociedade vai sendo acumulado e transmitido, indo incluir, já desde o nascimento, na percepção que o indivíduo vai construindo sobre a realidade, inclusive no que se refere às explicações dos eventos e fenômenos. (OLIVEIRA e DAVES, 1999, p. 19).

Ressalto que a televisão pode contribuir para a formação da criança, na medida em que possa ser estabelecida por ela uma interação com a televisão. É importante buscar qual aspecto característico deste instrumento de comunicação pode ser motivador desta interação para melhor compreendermos esta relação, e uma vez que a televisão age no desenvolvimento da criança, mediante a sensação e a imaginação, é através destes aspectos que se torna possível achar o que pretendemos entender. Pela imaginação obtém-se um reflexo criativo da realidade,

como é possível verificar nos programas televisivos, principalmente, os infantis. Assim, José Amorim (2005, p. 97) elucida este aspecto quando afirma:

Os meios de comunicação, principalmente a televisão desenvolvem formas sofisticadas multidimensionais de comunicação sensorial, e racional, superpondo linguagens e mensagens que facilitam a interação do público. A TV fala do "sentimento"- o que você sentiu", não que você venceu; as idéias estão embutidas nas roupagem sensorial, intuitiva e afetiva. (AMORIM, 2005, p. 97)

Desta forma, percebe-se que a linguagem televisiva propicia que a criança se deixe envolver por suas características, pois pode despertar na criança emoções que, fora do âmbito televisivo, só seriam possíveis, como diz Vygotsky (2005) através do brincar, pois:

A brincadeira é uma atividade que permite á criança a emancipação da realidade imediata para a realização de ações dirigidas ao pensamento e mediadas por significados. Constitui-se a partir do encruzamento da realidade com o imaginário, fazendo com que a criança simultaneamente, se entregue ao real e crie outras realidades possíveis. (VYGOTSKY apud SALGADO, PEREIRA, SOUZA, 2005, p. 16).

Vygotsky acredita que o brincar como linguagem é importante fonte de desenvolvimento e aprendizagem, porém não podemos negar que a televisão tem transformado a vida e a cultura das crianças e, particularmente, a sua cultura lúdica, uma vez que, as imagens são como elementos essenciais à disposição da criança para a cultura lúdica. Sendo assim, a imagem televisiva é considerada para Brougère (1995), na contemporaneidade, o suporte simbólico para as brincadeiras infantis, mas também através da brincadeira, pode-se obter um distanciamento da criança em relação à televisão.

Devo salientar que o fato de a criança assistir televisão pode ser transformado em contexto de brincadeira. Via de regra, percebe-se que distanciar a criança da

televisão através da brincadeira é negar-lhe os recursos utilizados por este instrumento de comunicação, que tanto envolve o mundo imaginário infantil, e seus modos de brincar. Entretanto, este instrumento é controverso. Gomes (1992), por exemplo, condena a televisão por subordinar culturalmente a criança, vendo na proibição ou no controle dos programas a única forma de defender a infância contra a vilania desse meio de comunicação. (GOMES apud, FERNANDES, OSWALD, 2005, p.31).

A permanência da criança diante da televisão, em geral desacompanhada de seus respectivos pais, nos remete para a questão de que este recurso tão freqüente torna-se, no mais das vezes, a única maneira dos pais terem tempo para os afazeres domésticos e/ou outros. Daí surge o perigo da freqüente exposição infantil à televisão desacompanhada. Judith Lazar (1999) defende a concepção de que a televisão pode ser eficaz desde que haja um apoio externo, ou seja, quando a criança é acompanhada de um adulto, e uma pesquisa realizada nos Estados Unidos pôde dar subsídio para a confirmação de sua teoria.

[...] a melhor prova disso é a experiência conhecida por toda a famosa Vila Sésamo. Este programa foi realizado nos Estados Unidos com o objetivo de aumentar o nível escolar das crianças pertencentes a meios socioculturais modesta, principalmente filhos de emigrantes cujos pais não dominavam bem a língua e cultura norte americana. O programa foi concebido por excelentes professores universitários e profissionais para que criança pudesse ver televisão sem a ajuda do adulto. O resultado confirma que crianças de classe média tiveram maior ganho com a série, não porque fossem mais inteligentes, mas porque eram acompanhadas por um adulto ou uma pessoa mais velha. Em outras palavras, a ação da televisão é mais eficaz quando acompanhada por um apoio externo. (LAZAR, 1999, p. 94).

O que acontece com freqüência é que, em muitos lares, a TV está inserida para exercer um papel educativo que deveria ser o dos pais; daí surge o que Sartori define de *Baby Sitter*: a TV deixa de apenas informar e entreter o cidadão, mas

também atua no sentido formativo, principalmente, no que se refere à criança. A partir daí podemos falar do nascimento da chamada “geração TV” que desde a mais tenra idade, antes mesmo de ir para a escola, já mantém uma relação com a televisão e que, de certo modo, está sendo educada por este veículo de comunicação. Por conseguinte, compreendemos que é necessário e imprescindível discutir a presença da linguagem televisiva desde a infância, já que existe tanta proximidade e interação entre a criança e a televisão. Devemos saber ter consciência de que é preciso ensinar as crianças a assistirem programas de televisão e não apenas ver televisão.

Lazar (1999, p. 95) salienta que “[...] a transmissão de conhecimento cognitivo é assegurada pela escola, mas a televisão intervém de maneira inegável na transmissão de conhecimento geral”. A partir deste momento, a criança pode através da televisão, ter acesso as diversas informações sem esperar chegar a idade em que é considerada madura para obtê-las, o que lhe era restringido antes da inserção da TV nos lares. Nesta perspectiva pode haver sido ampliado o processo de socialização, que antes do aparecimento da TV como instituição, estava restrita apenas a família e à escola. Segundo Lazar (1999, p.100) “A socialização é um processo social pelo quais os indivíduos aprendem e interiorizam valores, crenças, conhecimentos, normas na sociedade em que vivem. Ou melhor, trata-se do processo graças ao qual o indivíduo torna membro de seu grupo”. Assim, a socialização atravessa toda vida humana e a televisão, enquanto parte do cotidiano, pode exercer uma espécie de mutação do comportamento, contribuindo ou não para a socialização.

A socialização da criança depende do lugar que a sociedade designa á ela na instituição que lhe são destinadas: família, escola, igreja, clube, entre outros. Na medida em que todas as instituições refletem

valores e relações sociais, a criança só pode ser social de forma inconsciente (LAZAR, 1999, p.102).

A televisão se torna mais complexa, pois possui uma linguagem rápida e por isso pode transmitir ideologias e valores contrários aos da família, por exemplo. A criança inicialmente pode imitar determinado personagem televisivo, tomando-o como referencial o que pode provocar nela comportamentos indesejáveis no âmbito familiar, uma vez que, em geral a criança imita o que vê, projetando seu desejo em determinados programas. Via de regra, a televisão pode assim, interferir na personalidade das crianças, que antes da TV, era constituída basicamente pela família e pela escola.

Devo salientar que dentro deste contexto, o fato da TV transmitir imagens nos remete à tarefa de entender os significados que determinadas imagens podem conter e ainda a possibilidade delas afetarem o imaginário infantil. Estes aspectos tornam importante o estudo da televisão pelos educadores que se preocupam com o desenvolvimento da criança, pois, através desse processo lúdico, várias mensagens podem, ao serem emitidas pelas 'telinhas', atuar como construtivas ou destrutivas, dependendo da estrutura familiar em que determinada criança se encontra.

[...] a verdade maior e mais abrangente é que a primeira escola da criança (escola divertida que precede a escola enfadonha) é a televisão, é um animal simbólico que recebe seu *imprint*, o seu molde formativo, de um mundo feito de imagens totalmente centralizado no ver [...] Na verdade, problema de fundo é que a televisão criou e está criando um homem que não lê.[...] (SARTORI, 2001, p. 24).

Uma vez que a televisão ocupa espaço preponderante na vida da criança, é importante refletir sobre o modelo de socialização que vem sendo estabelecido pela televisão como parâmetro de conduta para as crianças, porque as distanciam da família como modelo único a se orientar. Assim, pode-se constatar que a televisão no Brasil pode estar assumindo a papel de *baby sitter*, independente da classe sócio-

econômica, pois em muitos lares ela está se constituindo como recurso integrante na formação da criança. Porém, Luis Lobo (1999, p.94) afirma que:

O próprio processo de socialização mostra que a televisão não tem como atender a cada criança em particular, como indivíduo, oferecendo amor e liberdade, valorizando suas qualidades pessoais, reconhecendo suas limitações, atendendo suas carências e necessidades, dando a elas segurança, a tempo e hora, respondendo as suas indagações. (LOBO, 1999, p.94).

Se permanência da criança diante da televisão na faixa etária de até aproximadamente doze anos de idade é cada vez mais freqüente, em geral vem sendo educada pela TV em quase sua totalidade. É perceptível que, com freqüência, a TV aberta não vem se atentando para as implicações pedagógicas deste fato e ainda para o compromisso decorrente de sua responsabilidade social, pois o que mais há nas telas são questões voltadas puramente para o entretenimento, a diversão e o consumo, mesmo que o programa seja infantil.

Além do mais, na contemporaneidade, ressaltamos que as crianças, em sua maioria, são atraídas pelos programas direcionados ao público adulto sem nenhuma orientação devida de um responsável. Podemos assim dizer que a família é quem deveria regular a permanência da criança diante da TV durante a programação não condizente com sua idade. Mas não podemos esquecer de que a televisão tem responsabilidades sociais, previstas na legislação o que faz com que as redes televisivas devem aprimorar sua programação para que atendam ao padrão de qualidade voltado para a necessidade do cidadão, em especial, a criança.

Qualidade em televisão depende em grande medida da adequação formal e narrativa do conteúdo ao meio. [...] O que a televisão gera hoje é em grande parte não apenas ofensivo ao cidadão como inibidor de seu crescimento. A maior parte dos brasileiros se forma através da televisão e o tipo de formação que está produzindo é indiscutivelmente nefasto. (HOINEFF, 2000, p.60).

Sendo assim, Luiz Lobo (1990, p.97) diz que “[...] quando uma criança se sente realmente atingida pelo que passa na tela, ela participa física, sensorial e emocionalmente. [...]” Portanto, a televisão deve considerar como efeitos os que ocorrem nos planos físicos, corporais, emocionais, sensoriais, cognitivos e de comportamento, tendo em vista a situação de que a criança é, cotidianamente, influenciada pelos programas televisivos em seu desenvolvimento social e comportamental.

A concepção de que as crianças mantêm uma relação assídua com a TV nos remete para o seu desenvolvimento cognitivo, uma vez que pode ser influenciada pelo meio, contudo pela tv. Os programas educativos possuem ludicidade, portanto aproximam-se do universo infantil. Assim podemos perceber que a TV utiliza uma linguagem sensorial e lúdica, despertando sentimentos nas crianças e provocando maior interação.

Segundo José Moram (2005) a TV, parte do concreto, do visível, do imediato, do próximo, que toca os sentidos mexem com o corpo, as sensações e os sentimentos e, por isso melhor ela se aproxima da realidade da criança.

Segundo Piaget (1999), o desenvolvimento cognitivo da criança por volta dos sete anos de idade se encontra na etapa operatório-concreto em que, o pensamento lógico, objetivo, adquiriu preponderância. O pensamento nesta etapa é denominado concreto, pois a criança só consegue pensar caso o objeto exista e que possa ser observado. Este processo atinge aproximadamente até os doze e treze anos de idade.

Através da interação da criança com o mundo físico e social é que a aquisição do conhecimento poderá ser estabelecida. Desta forma, a compreensão da interação que a criança mantém com a televisão deve considerar o pressuposto

de que é a partir do concreto para o abstrato, do imediato para mediato, da ação para a reflexão, que o aprendizado é aprimorado. Em meio a essas características a televisão utiliza determinadas linguagens que nos dão pistas para compreendermos que este instrumento de comunicação pode ser útil no aprendizado de crianças, desde que seja utilizado com criticidade.

Desta forma, ressalto que a televisão exerce, sobre o universo infantil, diversas influências por estar cada vez mais próxima de seu cotidiano. A partir daí verificamos que há necessidade de mais pesquisas acerca desta temática já que estamos mergulhados no universo televisivo e ainda que as instituições educacionais, especialmente os que formam os professores, disponham de maiores espaços para a discussão destas influências e das teorias resultantes das pesquisas.

Dentro desta perspectiva saliento também a importância da regulação da permanência de cada criança em frente da televisão pelos responsáveis, pois diante de uma boa estrutura familiar poderá ser moderado o efeito da televisão no público infantil.

III – TELEVISÃO E EDUCAÇÃO: UMA CONVIVÊNCIA CONTURBADA

3.1 – EDUCAÇÃO

Para se discutir a relação entre televisão e educação é necessário atentar para as questões que possam traçar novas propostas pedagógicas para a educação. Segundo Pacheco (1998), a televisão é um meio de comunicação que amplia as possibilidades imaginárias das crianças, porque se remete ao caráter lúdico e ao da fantasia que estas possuem. Estas possibilidades levam a criança a confrontar a realidade vivida com a fantasia do mundo televisivo, estimulando a criatividade. Segundo a autora, é por meio dessa magia que criança elabora suas perdas, materializa seus desejos, compartilha sua vida, anima, fica invisível e assim comanda o universo por meio de sua onipotência.

A educação na contemporaneidade deixou de ser tarefa exclusiva da família e da escola, e passou a ser também de responsabilidade dos meios de comunicação de massa, em especial, a televisão, que cada vez mais se aproxima do telespectador. Sendo assim, a discussão acerca da linguagem televisiva, que deve ocorrer no âmbito familiar, poderá se estender também à escola, pois negar a TV é negar opções para as novas tecnologias, e assim é fechar as portas para novas linguagens que, ao aproximarem do universo infantil, constituem também recursos para a aprendizagem.

Desta forma, percebemos ser importante definir educação segundo Sadek, pois:

Construir conhecimento, criar conexões, relacionar fatos, analisar argumentos, duvidar de algumas verdades, descobrir ou inventar outras são alguns movimentos fundamentais ns Educação. Podemos entender Educação como o estado de espírito, disposição interior de aprender, de descobrir, de relacionar, de construir. É um estado de permanente movimento. Ou deveria ser (SADEK, p.13-14).

Segundo José Sadek, os meios de comunicação podem propor e provocar movimentos, desde que sejam usados para a Educação, o que anula as teorias que afirmam que eles são abomináveis por permitirem ao usuário movimentos de relaxamento. Já Heloisa Dupas Penteadó (2000) afirma que:

Apesar desse despertar global para as questões relativas a tv e Educação, vivem, ainda, em nosso país uma situação paradoxal. Concessionárias de canais televisivos comerciais imunes ao controles legais e desprovidos de princípios éticos centrados em violência, sexo, drogas (bebidas alcoólicas, cigarros, etc), meias verdades e inverdades, além do apelo exaustivo, intensivo, e sedutor ao consumismo e do sensacionalismo e do absolutismo irresponsável. (PENTEADO, 2000, p. 15).

A propósito, a autora diz que se o processo de ensino e aprendizagem é de comunicação e pesquisa, não é possível ignorar nele os dados que compõem a realidade dos agentes envolvidos, logo, dos estudantes. O texto televisivo faz parte do mundo daqueles que estão envolvidos no processo formal de ensino-aprendizagem, pois acha-se, sem dúvida, amplamente disseminado na vida de todos nós. Este argumento mais uma vez corrobora com a idéia da necessidade de considerar a televisão como espaço de veiculação de conteúdos que formam as pessoas.

Ao se tomar a realidade do educando como algo importante na aprendizagem, o uso da TV como instrumento pedagógico tem como referente o real que pode contribuir para a aprendizagem. Porém:

É preciso ter em mente um fenômeno complexo das sociedades contemporâneas: a midiabilidade. A midiabilidade implica a existência de um campo social dominado pela mídia, sobretudo a mídia eletrônica, catalisando um conjunto de experiências e identidades sociais. Todos nós, alunos ou professores estamos sujeitos a ação da mídia. O problema é que nos grupos mais jovens inclusive naquelas subculturas juvenis que se julgam extremamente rebeldes, a ação da mídia é determinante para a constituição da identidade do grupo. (NAPOLITANO, 1999, p. 12).

O fenômeno da midiabilidade, que se realiza mais pelos códigos e linguagens, torna a tv importante e decisiva para a inserção social. Este aspecto realça o fato de que o advento da televisão muito tem contribuído para a mudança no paradigma educacional, porque ela tem se tornado também **medium** formador e instrumento pedagógico capaz de unir a diversão e o conhecimento.

O universo audiovisual pode trazer para os telespectadores um novo conceito de educação, ou seja, uma nova proposta pedagógica, pois, desde Paulo Freire, tem sido entendida como válida a educação que considera a “bagagem” do educando e sua realidade como pontos de partida para uma pedagogia que Heloisa Penteado elucida da seguinte maneira:

A pedagogia da comunicação aqui proposta tem por meta legitimar uma ideologia democrática da educação a qual se pretende: admitir as diferenças culturais entre os integrantes sociais da escola; definir o espaço escolar como o local social de encontro/comunicação/trocas culturais, em nome do saber do aluno, e vice-versa; preconizar o espaço escolar como o local de produção de conhecimento, e, portanto de cultura, pela recuperação do papel dos autores de todos os seus integrantes. (PENTEADO, 2000, p. 169).

A criança é estimulada, por meio do imaginário, pela recepção contínua da televisão. Apesar de muitos intelectuais negarem a contribuição que a TV proporciona para a educação, é fato inegável que atualmente o uso da TV em sala de aula desperta na criança um prazer que foge dos discursos pedagógicos, tão presentes no âmbito educacional. Além do mais, a televisão já é considerada parte da realidade do educando, e sua linguagem mágica é capaz de envolver quem a contemple.

Em relação à tv, Foucault explica que “[...] ‘é efeitos de sentidos que se pode analisar o poder dessa máquina discursiva’. Ela produz, manipula, produz, recria,

mediante práticas discursivas, um imaginário que envolve os espectadores”. (FOUCAULT apud GUIMARÃES, 2002, p. 8). Desse modo, é importante conhecê-la para criticá-la, pois será a partir deste conhecimento adquirido, que poderemos obter indícios possíveis para a realização deste novo paradigma. Segundo Paulo Freire

[...] “a importância da representação icônica da realidade existencial - não precisa sequer cuidar do material visual. Ele já existe independente dela, e a ele praticamente toda a população se expõe de forma prazerosa e regular.” (FREIRE apud PENTEADO, 2000, p. 111).

Isto significa que quando a TV é utilizada como recurso na aprendizagem não requer de “material”, pois como afirma Paulo Freire, ele já existe não só fisicamente, mas enquanto a realidade do indivíduo, oferecendo farta materialidade de conteúdo formativo, informativo, imagético, sonoro, sensório, lúdico. Sobressai ainda mais o valor da reflexão sobre a relação Tv-Educação, quando o aspecto de que esta materialidade discursiva prende a atenção das crianças, mantendo-as atentas durante muito tempo, é somado ao fato de que, freqüentemente, diante do discurso meramente pedagógico, elas “fogem” e ficam desatentas,

Os programas educativos televisionados podem contribuir para o processo formativo da criança em idade escolar, desde que haja atenção não só sobre os aspectos educativos cabíveis a tais programas, mas quanto à mediação que as famílias e as instituições escolares podem realizar, pois entre a criança e a tv aberta abrem-se espaços para a atuação das escolas e dos familiares.

Na relação Tv-Criança, especificamente nos programas direcionados ao público infantil, está presente o processo formativo da criança, e isto nos remete para os possíveis efeitos que televisão pode exercer no imaginário da criança.

Segundo Guimarães (2000), atualmente muitas crianças são atraídas pelas imagens da televisão e a compreendem, enquanto que na escola elas se dispersam,

daí há necessidade por parte de educadores repensarem sua prática e abrir seu universo de conhecimento, ou seja, outros recursos para ampliar e enriquecer seu discurso.

O uso de programas educativos no auxílio a aprendizagem requer um acompanhamento significativo do educador do conteúdo televisivo em geral e do conteúdo didático proposto pelas emissoras, em particular. Sendo assim, Napolitano (1999, P.15) afirma que "É preciso analisar a TV levando em conta toda a sua complexidade, não apenas em diversos níveis (produção, circulação, recepção), mas nos diversos usos possíveis do conteúdo por ela veiculado". Esta perspectiva reforça a importância de que o professor introduza programas educativos na prática pedagógica com a finalidade de despertar em seus educandos a percepção crítica, em decorrência das inúmeras possibilidades que determinados programas televisivos abrem para o universo infantil.

A tarefa de ensinar em nossa sociedade não está concentrada apenas nas mãos dos professores, sendo assim, o aluno não aprende apenas na escola, mas também através da família, dos amigos, de pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação de massa, das experiências do cotidiano e dos movimentos sociais. Carneiro (2005) diz que, ao abordar a relação de educação e televisão, é importante considerar três perspectivas:

[...] educação para uso seletivo da tv; educação com a tv; educação pela tv. O consumo seletivo e crítico da tv objetiva desenvolver a competências dos alunos para analisar ler com criticidade e criativamente os programas. Na educação com a televisão, utilizam-se programas co estratégias pedagógicas para motivar o aprendizado, despertar interesses, problematizar conteúdos. Educar pela televisão significa comprometer emissora a mais e melhores programas ao publico infanto-juvenil. (CARNEIRO, 2005, p. 103).

A partir desta concepção compreende-se que educar significa ir além das escolas e, conseqüentemente, das dimensões meramente cognitivas, pois se entende que educar, numa perspectiva mais ampla, requer outras dimensões dentre as quais destaco, o imaginário, o social, o emocional. Logo, a educação deixa de se constituir apenas no âmbito escolar e da familiar, mas também dos meios de comunicação.

O processo de educação, desde o século XIV, era concedido como um processo de transmissão de conhecimento para quem não conhece. O receptor era "tabula rasa", recipiente vazio para se depositar conhecimentos originados ou produzidos em outro lugar. (BARBEIRO Apud CARNEIRO, 2005, p. 103).

Percebe-se que a televisão como veículo possível de transmissão de conhecimento requer nessa medida, que o telespectador seja receptivo às suas mensagens respondendo aos estímulos enviados. Não se pode esquecer que a tv é um importante instrumento de socialização e que uma parcela da população está sendo educada a partir da televisão. Assim, em muitos lares é esperado que a televisão eduque as crianças. Por isso, discutir o seu conteúdo não é somente contemplá-la, mas superar o processo alienante que possa ser provocado pela televisão e seus conteúdos que, de forma subliminar ou não, se apresentam nos discursos televisivos. Entretanto, quando o assunto é educação espera-se que seja realizada, inicialmente, pela família baseada em valores e princípios possam constituir qualquer relação familiar. Mas numa sociedade em que os meios de comunicação estão cada vez mais envolvidos com o receptor, é relevante ressaltar que a educação passou a ser também função dos meios de comunicação, principalmente da televisão. Dentro desta perspectiva, ser um telespectador ativo implica saber 'ver' os programas e não apenas assistir televisão. Assim, é importante que o telespectador, além de refletir sobre as programações televisivas, também

possam interpretar as mensagens, os valores, a cultura que a TV oferece diariamente ao telespectador. Como elucida Eco (2005), “Precisamos-nos de uma forma nova de competência crítica, uma arte ainda desconhecida de seleção e de codificação da informação, em resumo, uma sabedoria nova”. (UMBERTO ECO apud KENSKI, 2005, p. 94). E a escolaridade formal pode contribuir para a formação desta competência crítica, desde que se abra para esta discussão e também abra seus espaços para que ela ocorra.

Em suma, quando a educação transcendeu espaços tradicionais, como o espaço nos lares, os meios de comunicação passam a ter a responsabilidade social pela formação das pessoas, pois eles são instrumentos educacionais, trabalham e fornecem material sobre ao qual a escola pode trabalhar no processo de educação formal.

A seguir vamos apresentar uma leitura de programas veiculados pela tv aberta em sua relação com a educação.

3.2 – Leituras de programas infantis

a) Sítio do Pica-Pau Amarelo

A finalidade desta leitura propõe verificar de que maneira esta programação desperta a ludicidade na criança, além de identificar a possível contribuição para o processo formativo delas. Mas antes desta análise é relevante entendermos a concepção de programas educativos, pois segundo Carneiro (2005, p. 104) [...] “entende-se aquele, produzido com a intencionalidade de educar, desenvolver aprendizagens, ter finalidades educacionais”.

Na versão televisiva da obra de Monteiro Lobato, o **Sítio**, foi a forma de focar Lobato educador mais do que o Lobato professor, instrutor, didata. A partir daí houve um equilíbrio entre a diversão e instrução.

Para realizar esta leitura, foi gravado o programa infantil o **Sítio do Pica-Pau Amarelo**, da Rede Globo de Televisão, no período de uma semana. Este programa é televisionado de segunda à sexta-feira, no horário das 9:45 às 10:15h da manhã e a programação é dividida em dois episódios, com 15 minutos cada. Esta readaptação do **Sítio** está sendo produzida com recursos mais atualizados como, por exemplo, o computador e o telefone celular, entre outros, o que nos leva a verificar que isto pode nos indicar que aquele programa tradicional, com cenas do interior sem nenhum recurso tecnológico, não seria tão aceito pelas crianças da atualidade.

Esta programação tem como personagem principal uma boneca de pano velha, amassada, mal feita, chamada Emília, que permite às crianças “uns cem números de encenações” (expressão da própria Emília) e infinitas personificações muito ricas e criativas, ao invés de produtos acabados, pratinhos, perfeitos, que dizem “mamãe”, sabem mamar e até fazer xixi, que o progresso industrial criou para as meninas.

Segundo Artur da Távola (1999), há uma espiga de milho, com toda sua carga simbólica que estimula a fantasia infantil, pois serve para mil coisas nas brincadeiras, mais do que o produto industrial completo e acabado que, apesar de deslumbrante, deixa pouco ou nenhum espaço para a complementação criativa das crianças.

No livro **Televisão, criança, Imaginário e educação**, o autor aborda o tema TV, Criança e Imaginário, por meio da obra de Monteiro Lobato. Para ele, na fantasia

da criança leitora e depois telespectadora, há uma intensa criação em que o imaginário enriquece ou há uma complementação criativa diante dos personagens. Ele afirma que os brinquedos ou bonecos sofisticados com a tecnologia, empobrecem a relação com o imaginário infantil. Assim, Távola (1999, p. 43) afirma que: “[...] o brinquedo industrial tem e pode ter outras qualidades. Lobato o sabia instintivamente, porque viveu num Brasil pré-industrial, época em que brinquedo sofisticado só o importado, e para crianças ricas [...]”. Por isso, diferentemente da atualidade, o escritor fez de criar uma boneca de pano e de um sabugo de milho, personagens inesquecíveis em permanente fazer-se, e junto a elas a força criadora do telespectador ganha espaço e tal como a do leitor.

O computador, de certa forma, redesperta e liberta o imaginário. Com a incorporação das tecnologias deste século foi possível assim maior proximidade na realidade infantil. Conforme Pacheco (2004):

[...] Cabe nessas personagens a fantasia da criança leitora, e depois telespectadora, uma intensa criação, em que o imaginário enriquece ou, se preferem, em que há uma complementação criativa diante dos personagens. Monteiro Lobato sabia que uma boneca de pano e um sabugo de milho eram ricos para a criatividade das crianças, exatamente porque incompletos como forma. (TÁVOLA, 2004, p. 42).

Podemos verificar que há duas linhas na obra infantil de Monteiro Lobato: a educativa, pois segundo ele é relevante à expressão “evidentemente ensinativa”, que seria didática, e a de caráter lúdico, que seria de diversão. Apesar de separados no todo, elas funcionam juntas: educação, valores e ensino, aprendizagem e brincadeiras, diversão, viagens a mundos fantásticos.

Apesar das adequações das adaptações persiste a preocupação de Monteiro Lobato. A reeleitura atualizada demonstra que há personagens novos na

programação, além de novos aparatos tecnológicos e isto demonstra que é necessária uma readaptação para melhor adequação aos dias atuais.

Segundo Durst (2004) um cidadão só se forma se aprender por si só. Ele diz que a criança tem que questionar, e que quando uma criança formula um raciocínio sobre a propriedade de descobrir o mundo e refletir sobre ele, só assim ela o entende. E como exemplo disto é a personagem Emília do **Sítio**, pois uma criança real e crítica, ela indica para os telespectadores a importância de entender o mundo. Pelos acompanhamentos dos programas gravados, foi percebida a importância de obras como o **Sítio do Pica-Pau Amarelo**, para a formação infantil, que no formato da linguagem televisiva, conjuga o lúdico, a diversão e a aprendizagem crítica do mundo.

Ao contrário de outros programas infantis, que veremos posteriormente relatados, que utilizam mais os efeitos especiais entre outras tecnologias, mas nem sempre se ocupam com esta conjunção, esquecendo-se da responsabilidade social envolvida na formação de seu público.

b) TV Xuxa

O programa infantil **TV Xuxa** é veiculado de segunda à sexta-feira no horário da 10:15 às 11:45h. Este programa é dividido em variados blocos, em cada intervalo dos blocos há um desenho ou uma cena de contação de história.

Podemos perceber que o objetivo deste programa é trabalhar com o lúdico interligado com conteúdo didático e há também a preocupação com valores e com a ética, como exemplo pode-se citar, o respeito ao próximo. Percebemos que há uma proposta pedagógica envolvida na criança deste programa e que busca fazer com que a criança aprenda o conteúdo com maior facilidade.

As crianças formam belos componentes, de cena e figuração com comportamentos mais ou menos estereotipados. E a figura da apresentadora durante anos foi considerada pré-destinada a seduzir. Segundo Rezende (2004), esse poder de sedução sempre foi visto com reservas e até mesmo combatido como caráter maléfico. Rezende elucida estas questões da seguinte maneira:

As relações sociais fortes, assim como os corpos de conhecimentos rígidos estruturados, abominam a sedução por defenderem que ela não guarda relação com a verdade, pois a sedução nada quer demonstrar nada quer reivindicar. Ela é o avesso de qualquer tentativa de profundidade, pois não há nada pro trás das aparências que apresenta. Todos os poderes explicitamente postos escapam a ela, mas infiltrando-se subrepticamente, só ela pode subverter o dever-se, a ordem social colocada, o mundo o desencantado. (REZENDE, 2004, p 76)

Na abertura do programa, a apresentadora desce de uma espaçonave. Esta cena passa a idéia que ela veio de um outro planeta, diferente da realidade do público infantil, e a criança é levada a um mundo de fantasia, onde pode é possível viajar para outros planetas, através de um “disco voador”. Esta cena se repete todos os dias na programação, sendo que esta abertura, feita atualmente, já acontecia desde o primeiro programa da apresentadora denominado ‘Xou da Xuxa’ na década de 1980. Assim, persiste no programa a proposta de despertar na criança a idéia da existência de outro planeta distante, feito somente para as elas e que a apresentadora é a dona deste suposto planeta. A “TV Xuxa” funciona como uma espécie de outro planeta e também como uma emissora diferente das demais, em que a criança ‘viaja’ neste universo de fantasia.

Devo ressaltar que o cenário é bem ilustrativo e toda a programação gira em torno de uma temática, como por exemplo, “águas” que se desenvolvem no decorrer do programa em toda sua programação, apresentado sua origem e utilidade. O

programa é interativo, há crianças junto com a apresentadora que abrem o programa e permanecem no decorrer da programação.

Podemos perceber que um programa infantil não vale apenas para fazer a criança brincar, pois segundo Durst (2004), trabalhar o imaginário infantil é um dos elementos do desenvolvimento da criança. Quando um programa se fecha e /ou enfoca basicamente este aspecto, deixando de contemplar outros, dá a impressão que ele apenas visa a manutenção de sua audiência e de seus patrocinadores.

Por outro lado, segundo Carneiro (2005) quando um programa tem uma proposta pedagógico-didática para ensinar são rejeitados pela expectativa da diversão, do entretenimento e a intenção de educar à consequência, disto é a perda de especificidade dessa modalidade, categorizando o educativo como gênero inferior, incompatível com as linguagens do cinema e da TV.

Apesar de ter uma proposta de uma programação educativa, este programa torna-se mais contraditório na medida em que transmite mensagens inversas aos valores que compete a maior parte da programação educativa. Por exemplo, a personagem "keka" passa a idéia de que a criança não deve fazer o que é pedido a ela e faz o que não deve fazer, isto é mostrado como o modo correto de agir. Parece-nos que esta concepção contraria os valores familiares e ainda o desenvolvimento infantil.

C) Castelo Rá -Tim- Bum

O programa educativo **Castelo Rá-tim-bum** que foi produzido, inicialmente, pela tv Cultura em 1989 e que teve sua produção com base no programa "Rá-tim-bum". Televisionada pela "Tve" sua grade horária é de segunda-feira à sexta-feira, dividida em dois episódios com duração de aproximadamente dez a quinze minutos

cada. Tem como produtora Márcia Aguiar, que ressalta a aceitação deste programa pelo público alvo ser devido basicamente à produção caprichada, aos números de quadros e cenários, externas.

Percebemos para que uma programação seja aceita pelo público infantil, ela não precisa necessariamente ser sofisticada, pois a ludicidade se conquista pela criatividade, simplicidade e a imagem em movimento em um contexto lúdico, por exemplo. Estes são aspectos importantes a ser considerados na produção de programas infantis voltados para uma educação mais ampla que não envolva somente questões didáticas, mas também valores e comportamentos. Segundo a concepção de Robert Muiyaert, programas educativos não deveriam ser considerados monótonos; ele afirma que a televisão não deveria ser somente entretenimento, mas também veículo de transmissão de conhecimentos, pois quando se fala em programas educativos, logo se associa a algo apenas com conteúdo didático. Sendo assim, Muiyaert faz esta relação da seguinte maneira:

A Televisão é entretenimento e ponto final. Ninguém liga a televisão para se chatear e muito menos para aprender alguma coisa. Aí é que esta você pode fazer entretenimento com conceitos, sem conceitos e com conceito negativo. [...] nós fazemos entretenimento positivo para que assista, o sujeito sai enriquecido. [...] Aqui se repassa todo o conceito de TV educativa, sem ser o velho conceito de educativa que afugenta o espectador. (MUYLAERT Apud GUIMARÃES, 2002, p.41).

O autor parte do pressuposto de uma educação sedutora, provocativa e desafiadora, que sem deixar de ser educativa, deva atender a necessidades reais e imaginárias, tendo como referencial a própria vida do telespectador, com o fim de estimular o telespectador à ação, ao conhecimento, à realização, e instigar suas emoções e desejos com autonomia. O programa **Castelo Rá-tim-bum** tem o propósito de educar divertindo, por isso, tem uma linguagem divertida e lúdica, porém simples como os demais programas desta emissora, que têm como eixo

norteador a educação da criança, seja didático, moral, ou ético. Logo, a criança aprende através do lúdico, pois este programa tem uma linguagem bem simples, além de divertida e sedutora que atrai cada vez mais a criança em todos os aspectos.

Com relação ao conteúdo, percebe-se que para cada episódio do dia há uma temática, que é desenvolvida sem mencioná-la, mas em toda a programação o tema é inserido dependendo do contexto, como por exemplo. Em um dos episódios que gravei, em que o tema 'escravidão', a cena iniciou-se com a personagem 'Morgana' que conversava com a galha, enquanto limpava os móveis, sobre a escravidão. Num momento, a Morgana manda o pássaro limpar o móvel para ela e a galha diz que não é bom mandar nos outros. Então Morgana diz que o pássaro tinha razão, pois ninguém é dono de ninguém, portanto não é possível mandar no outro, como havia ocorrido na época da escravidão. Na sala do castelo estavam Nino e as três crianças que discutiam sobre uma encomenda que havia chegado para o Dr. Victor, tio de Nino. A encomenda era composta por instrumentos africanos, então a partir daí cultura africana entrou na discussão da escravidão.

Podemos verificar que este programa utiliza a linguagem imagética, que pode proporcionar maior curiosidade para a criança, aproximando-a cada vez mais de sua linguagem, através de personagens que despertam na criança maior curiosidade, pois há personagens extraterrestres, bruxa, pássaros, entre outros. Há uma relação entre o conteúdo e a realidade da criança, com a finalidade de o tornar mais compreensível e real para ela. O encadeamento do programa é desenvolvido de forma que o assunto se adapte ao universo infantil. Sendo assim, a criança além de aprender o conteúdo didático de maneira bem lúdica, se diverte.

Desta forma, compreendemos que não é necessário muito recurso tecnológico para se obter sucesso em uma programação infantil, apesar do avanço tecnológico, pois o mais importante é a qualidade na programação, que está tão presente neste programa, diferentemente do programa da **Xuxa** que utiliza muita tecnologia. Mas, o programa **Castelo Rá-tim-bum** e o **Sítio do Pica-Pau Amarelo** são provas de que não é necessária muita tecnologia para atrair o público infantil. Acreditamos que para atrair a atenção da criança como telespectadora seja necessária, antes de tudo, a qualidade e, posteriormente, a tecnologia, que não deve ser, contudo, desprezada, pois ela está presente em nosso dia-a-dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os meios de comunicação, a televisão é hoje o de maior acessibilidade e aceitação social e por isso pode influenciar na educação da criança, uma vez que a imagem televisiva causou tanta fascinação no telespectador como nenhuma outra imagem. O telespectador deve ter consciência dos possíveis efeitos que a televisão pode exercer em seus comportamentos ou em suas atitudes.

Muitas crianças são expostas constantemente a este veículo de comunicação, sendo até mesmo educados por ela. A falta de discussão acerca deste instrumento de comunicação leva-se a aceitá-la acriticamente, o que contribui para que os produtores de tv abdicuem da responsabilidade social que lhes compete, principalmente quando o público é infantil. Somente irá perceber os malefícios ou benefícios da tv aquele telespectador ou educador que tiver uma percepção crítica diante da televisão, e esta percepção crítica poderá vir a estender ao público infantil, se o adulto conversar com a criança sobre o que ela vê na tv. Logo, se queremos telespectadores críticos para os meios de comunicação, especialmente a televisão, é relevante que seja cultivado desde a infância, seja no âmbito familiar ou escolar, a conversa sobre o que a tv transmite e veicula.

As crianças socialmente mais favorecidas, cujas famílias podem proporcionar lazer e estímulos variados, têm na tv uma fonte a mais de entretenimento e informação, o que não anula as influências exercidas pela tv. Já as crianças que não têm outra opção além da companhia da tv e ficam sozinhas, grande parte do dia, sem amigos e sem brinquedos com que possam se distrair são as que mais podem ser influenciados pela televisão, em especial a tv aberta.

A presença da família bem como a escola e de outras instituições na interação da criança com a televisão é relevante, pois pode orientá-la, mesmo que

seja em programas infantis. Trazer para o âmbito familiar a discussão acerca do conteúdo televisivo pode ser uma maneira de amenizar seus possíveis efeitos no universo infantil. Mesmo os programas infantis vêem as crianças como pequenos consumidores, pois o espaço do programa é voltado em sua maioria para a publicidade que utiliza a imagem para o consumo. Assim, deixando como secundário a função de formar, transmitir conceitos educativos que possam desenvolver na criança a criatividade, despertar a imaginação e a criatividade.

A televisão vem crescentemente assumindo o papel de "baby sitter", constituindo parte integrante da família como recurso para a distração dessas crianças. Neste momento, passa a fazer parte da realidade infantil. Podemos verificar que a televisão abrange o campo do lúdico, quando abre espaço para a fantasia, o mágico, enfim o sonho. Tomando como ponto de partida nesta interação da tv com a criança, a ludicidade pode ser considerada mediadora desta relação, pois compreende-se que, mediante a brincadeira, a criança desenvolve-se e constrói conhecimentos, porque é a maneira mais próxima de sua linguagem.

Desta forma, ressalto que a televisão pode exercer sobre o universo infantil diversas influências por estar cada vez mais próximo de seu cotidiano. A partir daí verificamos que há necessidade de mais estudos acerca desta temática já que estamos imersos no universo televisivo. Dentro desta perspectiva saliento que a importância de se regular a permanência de cada criança em frente da televisão deva ser exclusiva dos responsáveis, pois diante de uma boa estrutura familiar poderá ser moderado o efeito da televisão no público infantil. Certamente esta é uma tarefa difícil numa sociedade onde a informação é veloz e exige de cada cidadão maior velocidade na apreensão das informações.

A televisão aberta brasileira tem responsabilidade social em suas programações, principalmente a voltada para o público infantil. Para uma programação atender ao processo formativo da criança deve saber integrar uma perspectiva educativa e lúdica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: A Nova cultura oral**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- BROUGÉRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. 3. ed. São Paulo: Jorge zahr, 1997.
- CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. **Televisão e educação: aproximações**. In: **Um salto para o futuro - Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005 Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>> Acesso em 07 set 2005
- COSTA, Cristina. **Educação, imagem, e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CARVALHO, J.S. (Org). **Educação e cidadania e direitos humanos**. São Paulo: Vozes, 2000.
- DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1999.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Disponível em: <http://www.mj.gov/Br/classificação/legislação/portaria%202000_796.pdf> Acesso em 28.nov. 2005
- FISHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação: Fluir e pensar a tv**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FOUCAUT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: forense, 1995.
- FEITILITZEN, C. V. **Educação para a mídia, Participação infantil e democracia**. In: **Caderno Cedes**. São Paulo: Cortez, 1980. V.1, n.1
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 2. ed. São Paulo: Paz e terra, 1979.
- GIACOMINI FILHO, Gino. **A criança no marketing e na comunicação publicitária**. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1998.
- GUIMARÃES, Gláucia. **TV e escola: Discursos em confronto**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- HOINEFF, N. **Nós da escola**. Rio de Janeiro: mar, 2003.
- JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 3. ed. Campinas: 2000.
- JAMBEIRO, O.; BOLAÑO, C.; BRITTOS. V. **Comunicação, informação e cultura: dnâmicas globais e estruturas de poder**. Salvador: edufba, 2004.

KENSKI, Vani. As tecnologias invadem nosso cotidiano. In: **Um salto para o futuro - Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005 Disponível em: < <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>> Acesso em 07 set 2005

LAZAR, Judith. Mídia e aprendizagem. In: Ministério de Educação a distancia. **Mediatamente! Televisão, cultura e educação**. Brasília: SEE, 1999.112 p. 11 v.

LEITE, Márcia. Tv e realidade: produção social e apropriação pedagógica. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei N° 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.

LOBO, Luiz. **Televisão: Nem babá nem bicho papão**. Rio de janeiro: lidador. 1999.

MARTIN-BARBERO, Jésus. Novos regimes de visualidades e descentralizações culturais. In: Ministério de Educação a distancia. **Mediatamente! Televisão, cultura e educação**. Brasília: SEE, 1999.112 p. 11 v.

MAURÍCIO, Antônio Ribeira. **Constituição Federal**. 5° ed. ver.e atual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.

MORAN, José Manuel. Desafios da televisão e do vídeo à escola. In: **Um salto para o futuro - Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005 Disponível em: < <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>> Acesso em 07 set 2005

MUYLAERT, Roberto. **As funções da televisão educativa: Comunicação e educação**. São Paulo: 1995.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a tv na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

PEIXOTO, N.B. **Paisagens urbanas**. São Paulo: senac, 1992.

PACHECO, Elza Dias. Infância, cotidiano e imaginário no terceiro Milênio: dos folguedos infantis à diversão digitalizada. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e escola: Conflito ou cooperação?** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PIAGET, J. **O Nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de janeiro: Zahar, 1980.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Disponível em:

<http://www.br/sef/legisla.shtml> Acesso em 28 nov. 2005

POLISTCHUK, L.; TRINTA, R.: Teorias da Comunicação: O Pensamento e a prática da Comunicação social. 2. ed. São Paulo: Campus, 2000.

REZENDE, Ana Lúcia Magela de. Televisão: babá eletrônica?. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

RONDELLI, Elizabeth. **Lugar Comum**: Estudos da mídia, cultura e democracia, Rio de Janeiro, n. 5-6, p. 33-58, Maio-Dez. 1998.

SADEK, José Roberto. A educação, Movimento e Escolha. In: Ministério de Educação a distancia. **Mediatamente! Televisão, cultura e educação**. Brasília: SEE, 1999.112 p. 11 v.

SALGADO, Raquel G, PEREIRA, Rita M. R., SOUZA, Solange Joly. Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. In: **Caderno Cedes**. São Paulo: Cortez, 1980. V.1, n.1

SÁNCHEZ, Francisco Martinez. Os meios de comunicação e a sociedade. In: Ministério de Educação a distancia. **Mediatamente! Televisão, cultura e educação**. Brasília: SEE, 1999.112 p. 11 v.

SARTORI, Giovanni. **Homo Vídens**: Televisão e Pós-Pensamento. São Paulo: EDUSC, 2001.

SANTAELLA, L.; North, Winifred. Imagem: Cognição, semiótica e mídia. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

TASSARA, Helena. As crianças, a televisão e a morte de um ídolo: Ayrton Senna. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

TÁVOLA, Artur da.TV, Criança e imaginário. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Carla Santos FrancoTÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : As influências daTV aberta na educação da Guanã.ORIENTADOR : Valéria Wilke

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Guaracira Gouveia / Carmen Trena C. OliveiraNota : 9,0 (nove)

Considerações:

:O trabalho apresentado reflete a seriedade dada a um proce-
dimento de pesquisa; a proposta / os objetivos são contem-
plados e a discussão teórica é atual. Um único
senão: a análise dos programas poderia ser mais
substancial.

Percebe-se que a partir de outras análises efetuadas, a estudante efetuou uma leitura que exerceu de uma explicitação dos quadros-analíticos. ^{maior}

No todo, porém, a estudante efetuou uma ótima diálogo com textos da área.

Segundo avaliador :

Professor orientador : Valéria Wilke

Nota: 10,0

Considerações:

A aluna realizou um trabalho sério, fundamentando bem a questão proposta. Seus objetivos foram contemplados e a discussão foi bem desenvolvida. A dificuldade apresentada está na parte das análises.

Pelo trabalho monográfico a aluna mereceu a nota Dez. (10,0)

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Lígia Martha Coelho

Nota : 9,5

Considerações:

O trabalho está bom, eu elogio as palavras da ABNT.

Otrudo, bom o fato de que as páginas de referências não são numeradas, num as páginas iniciais (agradecimentos) vêm em caixa alta.

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,5	10,0	9,5	29,0	9,7

Rio de Janeiro, 16/01/2006

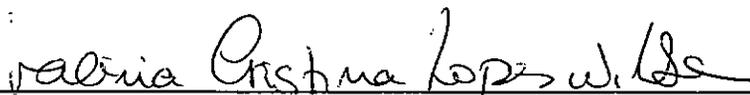
(NOME DO/A ALUNO/A)

(TÍTULO DA MONOGRAFIA)

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA


Prof. (Nome do professor) – Orientador

Prof. (Nome do professor/a)

Prof. (Nome do professor/a)

Rio de Janeiro
2005

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês Agosto

Dia	11	16	23	29
Observações	entrega do material	leitura conjunta	leitura conjunta	envio de material por e-mail
Professor	Valéria Wilse	Valéria Wilse	Valéria Wilse	Valéria Wilse
Aluno	Carla S. Franco	Ⓢ.	Ⓢ.	Ⓢ.

Mês Setembro

Dia	06	13	22	
Observações	leitura conjunta	entrega e leitura do 1º e 2º Capítulo	leitura conjunta	
Professor	Valéria Wilse	Valéria Wilse	Valéria Wilse	
Aluno	Ⓢ.	Ⓢ.	Ⓢ.	Ⓢ.

Mês Outubro

Dia	13	20	27	
Observações	entrega do material	entrega e leitura do material	entrega do material	
Professor	Valéria Wilse	Valéria Wilse	Valéria Wilse	
Aluno	Ⓢ.	Ⓢ.	Ⓢ.	Ⓢ.

Mês Novembro

Dia	10	17	22	29
Observações	leitura e entrega do 2º e 3º Capítulo	leitura conjunta	leitura conjunta	entrega do material
Professor	Valéria Wilse	Valéria Wilse	Valéria Wilse	Valéria Wilse
Aluno	Ⓢ.	Ⓢ.	Ⓢ.	Ⓢ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: A Nova cultura oral**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. 3. ed. São Paulo: Jorge zahr, 1997.
- CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. **Televisão e educação: aproximações**. In: **Um salto para o futuro - Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005 Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>> Acesso em 07 set 2005
- COSTA, Cristina. **Educação, imagem, e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CARVALHO, J.S. (Org). **Educação e cidadania e direitos humanos**. São Paulo: Vozes, 2000.
- DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1999.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**. Disponível em: <http://www.mj.gov/Br/classificação/legislação/portaria%202000_796.pdf> Acesso em 28.nov. 2005
- FISHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação: Fluir e pensar a tv**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FOUCAUT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de janeiro: forense, 1995.
- FEITILITZEN, C. V. **Educação para a mídia, Participação infantil e democracia**. In: **Caderno Cedes**. São Paulo: Cortez, 1980. V.1, n.1
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 2. ed. São Paulo: Paz e terra, 1979.
- GIACOMINI FILHO, Gino. **A criança no marketing e na comunicação publicitária**. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1998.
- GUIMARÃES, Gláucia. **TV e escola: Discursos em confronto**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- HOINEFF, N. **Nós da escola**. Rio de janeiro: mar, 2003.
- JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 3. ed. Campinas: 2000.
- JAMBEIRO, O.; BOLAÑO, C.; BRITTOS. V. **Comunicação, informação e cultura: dnâmicas globais e estruturas de poder**. Salvador: edufba, 2004.

KENSKI, Vani. As tecnologias invadem nosso cotidiano. In: **Um salto para o futuro - Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005 Disponível em: < <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>> Acesso em 07 set 2005

LAZAR, Judith. Mídia e aprendizagem. In: Ministério de Educação a distancia. **Mediatamente! Televisão, cultura e educação**. Brasília: SEE, 1999.112 p. 11 v.

LEITE, Márcia. Tv e realidade: produção social e apropriação pedagógica. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei N° 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.

LOBO, Luiz. **Televisão: Nem babá nem bicho papão**. Rio de Janeiro: Ildador. 1999.

MARTIN-BARBERO, Jésus. Novos regimes de visualidades e descentralizações culturais. In: Ministério de Educação a distancia. **Mediatamente! Televisão, cultura e educação**. Brasília: SEE, 1999.112 p. 11 v.

MAURÍCIO, Antônio Ribeira. **Constituição Federal**. 5° ed. ver.e atual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000.

MORAN, José Manuel. Desafios da televisão e do vídeo à escola. In: **Um salto para o futuro - Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005 Disponível em: < <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>> Acesso em 07 set 2005

MUYLAERT, Roberto. **As funções da televisão educativa: Comunicação e educação**. São Paulo: 1995.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a tv na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

PEIXOTO, N.B. **Paisagens urbanas**. São Paulo: senac, 1992.

PACHECO, Elza Dias. Infância, cotidiano e imaginário no terceiro Milênio: dos folguedos infantis à diversão digitalizada. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e escola: Conflito ou cooperação?** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PIAGET, J. **O Nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Disponível em:

<http://www.br/sef/legisla.shtm> Acesso em 28 nov. 2005

POLISTCHUK, L.; TRINTA, R.: **Teorias da Comunicação: O Pensamento e a prática da Comunicação social**. 2. ed. São Paulo: Campus, 2000.

REZENDE, Ana Lúcia Magela de. *Televisão: babá eletrônica?*. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

RONDELLI, Elizabeth. *tv aberta e tv por assinatura*. **Lugar Comum: Estudos da mídia, cultura e democracia**, Rio de Janeiro, n. 5-6, p. 33-58, Maio-Dez. 1998.

SADEK, José Roberto. *A educação, Movimento e Escolha*. In: Ministério de Educação a distancia. **Mediatamente! Televisão, cultura e educação**. Brasília: SEE, 1999.112 p. 11 v.

SALGADO, Raquel G, PEREIRA, Rita M. R., SOUZA, Solange Joly. *Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão*. In: **Caderno Cedes**. São Paulo: Cortez, 1980. V.1, n.1

SÁNCHEZ, Francisco Martinez. *Os meios de comunicação e a sociedade*. In: Ministério de Educação a distancia. **Mediatamente! Televisão, cultura e educação**. Brasília: SEE, 1999.112 p. 11 v.

SARTORI, Giovanni. **Homo Vídens: Televisão e Pós-Pensamento**. São Paulo: EDUSC, 2001.

SANTAELLA, L.; North, Winfred. **Imagem: Cognição, semiótica e mídia**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

TASSARA, Helena. *As crianças, a televisão e a morte de um ídolo: Ayrton Senna*. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

TÁVOLA, Artur da.TV, *Criança e imaginário*. In: PACHECO, Elza Dias (org). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.